

9-7-44

Para o prestígio da dignidade humana

No campo do pensamento, nosso século, à semelhança dos primeiros tempos cristãos, vai registar uma grande vitória social: a dignificação da pessoa humana.

Desde que Leão XIII escreveu as páginas memoráveis da grande «Carta do Trabalho», em 1891, o movimento geral tem sido efectivamente o de libertar o homem da escravatura degradante da matéria. Vitória do pensamento, e vitória do espírito também.

Parece até que, pressentindo a sua derrota aproximar-se, o materialismo se agarra ferozmente ao terreno, redobrando de esforços para manter no mundo o seu esmagador império. Esforços baldados, que a História registará como desesperado arranco de um leão moribundo.

Não nos iludamos, porém, com as aparências. Por mais aparatosas que sejam as investidas da matéria, já recebeu esta o golpe decisivo. Que-tão de tempo e nada mais.

Dignificação da pessoa humana, quem a não sente abrir caminho para o futuro! No campo da Assistência, da Medicina, da Previdência, da Economia, da segurança pública, do Trabalho e do repouso, da habitação e do recreio, lenta mas seguramente a pessoa humana vai ocupando firmes e seguras posições. Os desaires nesta caminhada só têm servido para maior estímulo do comum esforço de resgate. Não virá, por isso, longe o tempo em que o homem seja de novo colocado no seu lugar de honra no centro da criação.

É certo que o imenso progresso da técnica e da ciência levou ao desespero a tragédia da vida humana. A máquina, feita sem dúvida para libertar o homem, pouco mais fez até hoje do que escravizá-lo, ainda mais, lançá-lo na miséria e na humilhação. Vencido, porém, nesta luta gigantesca, pela máquina, desorientado pelo seu triunfo, humilhado pela sua glória, começa a refazer-se da sua própria derrocada e a submeter definitivamente a matéria, a economia e a técnica ao seu serviço, no uso do mais indiscutível de todos os direitos.

Vêm estas observações a propósito da reacção que temos visto produzir na opinião pública e no coração de toda a gente de bem o espectáculo desmoralizador, que se observa ainda aqui e ali, de homens vergados sob o peso de enormes fardos a prestar serviços de transporte de mercadorias. Nas ruas da capital, é raro o dia em que não se veem trabalhadores a carregar com pesos demasiados, que ameaçam a saúde e deprimem o espírito.

O homem não tem constituição nem forças que lhe permitam desempenhar-se impunemente desta tarefa. Não foi para ela que a natureza o formou. O Criador, com efeito, conhecendo as necessidades da vida social, dotou o homem de preciosos auxiliares para estes trabalhos, nos animais domésticos. A esses, fê-los de maneira a poderem suportar as cargas sem prejuízo da saúde nem da vida. A sua posição é horizontal, assentam o corpo em quatro pés (a dois dos quais chamamos imprópriamente mãos), possuem musculatura e força muito superiores às do organismo humano. Não deixou também o Criador de encerrar no seio da terra carburantes e forças naturais em tal quantidade que o homem delas se viesse a uti-

lizar com abundância, precisamente para não ter êle de sujeitar-se a esforços impróprios da sua dignidade e do seu físico.

Porque motivo haveremos nós então, só porque isso poderá ficar mais barato, de submeter os nossos semelhantes a um serviço que a natureza destinou aos animais de carga e aos engenhos de tracção?

Acima das considerações de ordem financeira, administrativa ou económica, estão considerações de ordem social e moral que nos deveriam impedir de rebaixar o homem à condição da matéria ou dos animais de carga. É este um dos aspectos a não esquecer na libertação do espírito.

Mas como é certo que, na consciência de muitos, pouco ou nenhum peso pode ter o respeito pela dignidade dos seus semelhantes — quem rebaixa o seu igual a si próprio no entanto se rebaixa — parece-nos necessário tomarem-se medidas coercitivas que impeçam, de futuro, a repetição destes espectáculos.

Mas nem só a dignidade humana deve ser tida em consideração nas medidas a adoptar neste capítulo. O próprio interesse social e colectivo reclamam providências adequadas. Temos, com efeito, conhecido casos — e não poucos — de rapazes completamente arruinados na força da mocidade pelas cargas que os comerciantes, seus patrões, lhes põem às costas. Estes operários, quantas vezes não contraem graves doenças que os

FORUM ABEL
DESENVOLVIMENTO
E SOLIDARIEDADE

Todos os direitos reservados

impedem mais tarde de ganhar honradamente o pão de cada dia! E é depois o hospital ou a Assistência quem tem de assumir o encargo de agüentar uma vida fanada antes do tempo pelo pouco escrúpulo daqueles que têm a responsabilidade de semelhante crime social, mas que em nada talvez auxiliem as instituições destinadas a socorrer as suas vítimas.

Enquanto se lutou com falta de carburantes e de transportes, ainda poderia ter uma certa desculpa esta forma de colocar em casa dos fregueses as mercadorias vendidas. Hoje que essa falta já se não faz notar com tanta agudeza, nada justifica que se continue a entregar à fraqueza dos marcanos e moços de armazém pesos inoportáveis.

Apelamos, portanto, para as Autoridades Corporativas, pedindo que medidas sejam tomadas, a fim de desaparecer do nosso meio social esta depauperadora do nosso meio social tal anomalia.

ABEL VARZIM.

ab
M
vit
ce